

O REARRANJO DAS REDES SOCIAIS DE PARENTESCO DOS PORTADORES DO HIV

NELSON FELICE DE BARROS¹

BARROS, N. F. O Rearranjo das Redes Sociais de Parentesco dos Portadores do HIV. *Semina: Ci. Biol./Saúde*, v. 16, n. 2, p. 283-291, jun. 1995.

RESUMO: *Um estudo de caso permite generalizações que ampliam as conclusões, obtidas com uma pequena amostra, para o universo dos casos. Certamente, é possível, a partir desta análise com os portadores do HIV de Campinas, reconhecer, no geral, como as redes sociais de parentesco reorganizam-se. Porém, é preciso reconhecer as especificidades dos recortes metodológicos, em relação à família nuclear, à fase de expansão do ciclo familiar e a possibilidade de reduzir a noção sistêmica das redes sociais, para a análise de subpartes, que constituem as redes sociais de parentesco. A observação permitiu reconhecer, em qualquer formato de rede, os diferentes níveis de respostas e as opções elaboradas, pelos portadores do HIV, para manterem os laços, que também representam a manutenção das trocas de bens materiais e serviços, de suas redes sociais de parentesco.*

PALAVRAS CHAVE: *AIDS, Família Nuclear, Ciclo Familiar, Redes Sociais e Redes Sociais de Parentesco.*

1-INTRODUÇÃO

Para alguns, vivemos a continuidade da modernidade; para outros, a rapidez do acesso à informação e às imagens fundam a pós-modernidade. Em outro campo do conhecimento, a doença continua sendo o desequilíbrio da homeostasia, porém é também uma construção sócio-cultural. Neste contexto de diferentes compreensões da realidade, apresenta-se a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida com a velocidade das trocas de informações, integrando a pós-modernidade, mas no bojo dos velhos tabus que a modernidade questiona e reconhece como culturalmente construído nas sociedades que adentra.

Trabalhar com AIDS é ter uma perspectiva inesgotável de temas. Além da singularidade de cada área de conhecimento, pois as análises podem privilegiar as dimensões econômicas, sociais, políticas, médicas, tecnológicas e outras, há também o universo de desdobramentos de cada área. Assim, novamente privilegia-se a fragmentação do homem ao diferenciá-lo em portador do vírus (sintomático, assintomático etc), criando-se os guetos culturais que propiciam a construção de campanhas específicas e atenção direcionada a grupos específicos, além da inevitável construção social do estigma.

Este artigo é a resultante de um trabalho com um grupo de 30 soros positivos, com os quais foi desenvolvida uma convivência, ao longo de dois anos (1992-1993), para então elaborar uma análise com apenas sete (07) pessoas do conjunto. Fato que mostra, inexoravelmente, os recortes metodológicos desenvolvidos no universo do grupo.

O primeiro recorte foi espacial. Logo, tratou-se de trabalhar com soros positivos da cidade de Campinas, mas apenas os que freqüentavam as manhãs de terças-feiras do Ambulatório de Moléstias Infecciosas do Hospital das Clínicas da Unicamp, ou que recebiam algum tipo de assistência da AGAEVI (Associação Grupo de Apoio Esperança e Vida), que desenvolve sua ação na forma de uma ONG. Assim, de acordo com a nomenclatura desenvolvida para tratar com os portadores da Síndrome, o trabalho foi desenvolvido com sintomáticos (aqueles que já sofreram algum tipo de intervenção médica curativa em decorrência de alguma infecção oportunista).

O segundo recorte pretendeu delimitar no grupo, os portadores com relações conjugais, ainda que tais laços tivessem sido rompidos com a evidência da Síndrome. De forma que a especificidade metodológica desta escolha buscou privilegiar famílias nucleares em sua fase de expansão do ciclo familiar.

Inicialmente, a perspectiva era analisar famílias com apenas um dos cônjuges portando o HIV, porém ao longo do período de convivência foi possível notar um aumento crescente de casais portadores em busca de tratamento. Desta evidência, resultou o acréscimo de casais nesta análise. Esta mudança ao longo do desenvolvimento do projeto, não acarretou qualquer quantidade de perda, pois o objetivo de compreender como se reorganizam as redes sociais de parentesco passa tanto pelos núcleos que operam com os dois cônjuges portando o HIV, quanto com os grupos de apenas um dos cônjuges.

De fato, a mudança mencionada colocou o projeto no modelo inicialmente desejado, ou seja, permitiu que

¹ Pós-graduando do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp.

a partida fosse dada por pressupostos, os quais, diferentemente de hipóteses, possibilitaram um perfeito exercício de teses e antíteses na busca da compreensão do fato analisado. Atingiu, portanto, o formato de uma análise antropológica, que executa a relativização, à medida em que a observação simbólica entre pesquisador e pesquisado sofre um processo de desconstrução em sua forma mais dura de operar com os métodos da ciência, para assumir uma forma mais coloquial e portanto reconstruída entre os interagentes.

O trabalho, também, procurou analisar as representações pessoais do estigma e do momento continuado de uma crise, no qual os valores e comportamentos são reavaliados, passando por um processo de desestruturação em busca de uma nova estrutura que comporte a sobrevivência com o HIV. Nesta medida, a perspectiva antropológica beneficia-se, sobremaneira, por operar com metodologias microanalíticas. Porém, não perde de vista a auto-crítica em relação aos limites do seu alcance analítico, já que não permite a generalização do fato em evidência, muito embora reconheça o trâmite das relações do nível específico em direção ao geral e vice-versa.

2- O ESTUDO SOBRE FAMÍLIA

O estudo da família nas Ciências Sociais brasileira remonta às primeiras décadas deste século com os trabalhos de Gilberto Freyre. Naquale contexto sócio-econômico, principalmente no nordeste, local onde o autor desenvolve seus estudos, predominava a organização familiar de estrutura extensa, ou seja, famílias que cohabitavam em mesmo espaço, mas com a temporalidade demarcada pela convivência de duas, ou mais gerações.

As produções com os conceitos de família extensa predominam enquanto as temáticas suscitadas pelo processo da urbanização não se encontram fundamentadas, pois, na medida em que os trabalhos nas cidades, principalmente pautados na corrente funcionalista parsoniana, vão sendo formulados, as conceituações sobre família vão passando por mudanças, até serem caracterizadas como família nuclear.

A família nuclear é analisada sob duas perspectivas: uma, que a caracteriza como instituição mantenedora da ordem social, justamente por ser nela que ocorre a fase de socialização e reprodução dos valores sociais desde a infância; e a outra, que parte da perspectiva marxista para considerá-la uma estrutura pequeno-burguesa em vias de extinção. Todavia, qualquer que seja o ponto metodológico de partida, as características da família nuclear são tratadas de forma consensual, entre seus estudiosos, na medida em que é reconhecida em sua constituição como um núcleo habitado apenas pelos pais e filhos; por sua autonomia econômica e inserção na macroestrutura do mercado; pela sua pouca importância no poder político total; pela sua pequena influência na integração da sociedade mais ampla; por não se constituir referência na constituição

do parentesco extenso; pela independência econômica dos filhos e a conseqüente redução da autoridade paterna; pela participação da mulher no sistema produtivo resultando numa diminuição da assimetria de status entre os cônjuges; por uma situação de natalidade planejada e reduzida e pela racionalização das relações conjugais através da legislação jurídica do matrimônio.

Os trabalhos de FAUSTO NETO (1982) e BILAC (1978) foram produzidos na perspectiva de compreender como são desenvolvidas as estratégias de sobrevivência de famílias de trabalhadores urbanos de bairros de baixa renda. Sua análise esteve pautada na utilização de conceitos de classe social e trabalho. Este artigo parte da mesma perspectiva de compreender a maneira como se organiza a família em suas ações de sobrevivência, no entanto, em um momento estrito de crise. A semelhança, com as análises acima citadas, está em concordar que a família é a primeira instituição a ser mobilizada no momento em que alguns fatores a colocam em risco de sobrevivência. Já a dissemelhança em relação às obras, está no fato de que este trabalho não desenvolve uma análise fundamentada na noção de classe social, mas tendo como recorte a presença de pelo menos um portador do HIV na família. A crítica a esta opção está explícita na razão de que trabalhar a família sem caracterizá-la economicamente significa descontextualizá-la socialmente, porém a justificativa está no fato de que todos os entrevistados eram constituintes de famílias expostas ao fator de máxima estigmatização social do contexto. Assim, a perspectiva de análise é também social, porém menos econômica e mais simbólica, em relação ao que possa representar a AIDS e sua construção social.

Houve a necessidade de um segundo recorte na operação do conceito de família. Trata-se de diferenciar o potencial da instituição familiar em suas diferentes fases. Em outras palavras, existe um potencial intrínseco a cada membro da família nuclear, do qual depende sua própria sobrevivência enquanto núcleo. Durante o ciclo de vida de uma família é possível identificarem-se três grandes momentos: a fase de expansão, que vai desde o casamento até a completa formação da família de procriação e corresponde ao período, durante o qual, todos os filhos do casal têm relações de dependência econômica, afetiva e jurídica com os pais. O segundo momento é denominado de fase de dispersão ou cisão e prolonga-se do início da fase adulta até o casamento do último filho do casal, os quais conformaram suas famílias nucleares. O terceiro momento é o de substituição da família que culmina com a morte dos pais e a reposição na estrutura social de sua família pela de seus filhos.

Como dito acima, o estudo privilegiou a fase de expansão do ciclo familiar entre os sujeitos pesquisados, deixando evidente o recorte metodológico que reduziu em apenas 07 os casos analisados no trabalho, pois em Campinas há uma relação de quatro (04) homens para cada (01) mulher portando o HIV e em fase de tratamento. Porém, é sabido que o risco de contaminação por relações sexuais é muito distinto entre

os sexos -segundo estatísticas a proporção de risco é de dezesseis (16) vezes maior para as mulheres-, de forma que o predomínio de homens quer significar a prevalência, ainda e de forma decrescente, de homossexuais no coletivo dos portadores de Campinas. Há, também, predominância da faixa etária entre 20 e 40 anos, fato que acaba situando a maioria dos portadores, quando casados, em famílias na fase de expansão do ciclo familiar.

Apenas como curiosidade, ou notas de observações paralelas, pode perceber a temática de uma outra forma de análise em relação à família. De fato, é possível elaborar um estudo familiar com casais homossexuais, pois estes constituem família nuclear e mesmo extensa, porém com sua forma própria de organização e comportamento, além, logicamente, da ausência de filhos consangüíneos.

3- O USO DAS REDES SOCIAIS

Na história das Ciências Sociais, desde sua gênese, houve uma permanente preocupação de explicar os fatores, fundamentais e determinantes, das organizações sociais. Se por um lado, a sociologia partiu para explicações dos níveis macro, por outro a etnografia optou por análises micro da dimensão social, porém esta opção deveu-se às próprias características de seus objetos de análise, pois as comunidades indígenas em sua maioria organizavam-se, e ainda organizam-se, em dimensões reduzidas em relação ao número de participantes.

Uma das temáticas mais exploradas foram as relações de parentesco, pelas quais foram analisadas as formas de casamento, a formação de grupos consangüíneos a responsabilidade pela criação da prole e o papel do grupo nas condutas individuais. Nessa medida, tomou-se necessário reconhecer as formas que as redes sociais comportavam em cada grupo, em relação aos membros da comunidade analisada e dos membros dessa comunidade com as outras com quem mantivessem relações. Porém, a utilização desta metodologia em aldeias indígenas, ou pequenas comunidades rurais, deixou de ocupar a primazia entre outras metodologias, devido ao fato de que a estrutura de tais agrupamentos era bastante reduzida. Assim, a reflexão que EVANS-PRITCHARD (1937) elabora com as redes sociais, no estudo de parentesco em sociedades tribais africanas adquire dimensão relevante na metodologia antropológica, pois influencia o desenvolvimento do drama social para as análises em aldeias e pequenas comunidades, assim como o uso das redes sociais em análises de comunidades urbanas.

No desenvolvimento de estudos sobre parentesco em centros urbanos, foi retomada a utilização das redes sociais. A equipe multidisciplinar em que BOTT (1976) se associa, desenvolve sua análise com famílias londrinas, na década de 50. Para a autora, as redes sociais podem ter dois formatos fundamentais. Trata-se dos formatos de redes sociais frouxas e das redes sociais estreitas. Para elaborar tais conceitos parte-se

dos papéis conjugais entre os membros do casal e analisa-se a forma como os cônjuges organizam sua convivência em relação aos cuidados com a residência, a divisão de tarefas em relação aos filhos, a manutenção econômica do lar, as formas de diversão, lazer e tomada de decisões.

Há casais que se organizam participativamente em todas essas dimensões e constituem a forma dos papéis conjugais conjuntos. Esta opção lhes garante um pacto que resulta em relações pouco frequentes e aprofundadas fora da vida comum do casal. Geralmente, esses casais têm afinidades em relação ao lazer, de forma que participam de grupos de amizade comum de ambos os cônjuges.

Por outro lado, há casais que se organizam em uma estrutura extremamente assentada na divisão social dos papéis sexuais, de forma que às mulheres cabem os encargos do lar -sua manutenção e a educação dos filhos, mesmo que isso implique uma dupla jornada de trabalho- e ao homem a manutenção econômica da família. Isto implica comportamentos bastante demarcados em relação ao lazer, pois, geralmente o homem diverte-se nas noites em bares e com outros companheiros que pactuam com seus símbolos, enquanto a mulher cuida dos filhos e da casa, ou faz visitas a parentes que mantêm proximidade geográfica e social.

De acordo com os papéis conjugais, serão delineadas as redes sociais do casal. Assim papéis conjugais conjuntos garantem uma formação frouxa de rede social, enquanto os papéis conjugais segregados propiciam a organização de uma rede social estreita. Assegurando, respectivamente, tarefas de manutenção e lazer muito próximas, no primeiro caso, e muito distintas, no segundo caso.

Para BARNES (1969), a elaboração do conceito de rede social passa pelo entendimento de que "existe uma rede social total constituída por três partes: rede territorial, rede industrial e rede de relações; o que gera justamente uma noção de sistema integrado pelas partes". Mediante esta argumentação, o autor elabora uma compatibilização do conceito de rede social com o de sistema, onde ambos passam a ser constituídos pela interação das partes. Argumenta, ainda, sobre a possibilidade de um estudo parcial de cada tipo de rede -territorial, relacional e industrial- de forma que: "por rede parcial entendo qualquer extração de uma rede total com base em um critério que seria aplicável à rede total. Deste modo, por exemplo, a rede cognática de parentesco forma uma rede parcial facilmente identificável" (pp:27).

Utilizando-nos destas reflexões, desenvolvemos a análise das formas de reorganizações das redes sociais de parentesco, ou seja, desenvolvemos a mesma racionalidade sistêmica para compartimentar, ainda em estruturas mais reduzidas, as redes de relações. Todavia, é certo que a riqueza dos temas referentes à AIDS permitem uma análise das redes sociais totais, posto que suas dimensões atingem as relações sociais, as relações econômicas e as relações territoriais. Desta

forma, seria possível efetuar-se uma contextualização holística do HIV e seus portadores, porém, também por preferência metodológica, optamos por esta microanálise.

Como informações complementares, gostaria de tecer comentários a respeito de dois aspectos da relação entre redes sociais e AIDS. O primeiro diz respeito ao papel, fundamental nas relações de parentesco, do parente conector, reconhecido por BOTT (1976) como uma figura influente e canalizadora das mobilizações das trocas de serviços e informações entre os parentes constituintes da rede de parentesco. O segundo aspecto versa a respeito de um acontecimento histórico na construção social da AIDS, pois, nos anos iniciais da década de 80, ainda quando predominava o obscurantismo em relação à Síndrome, uma das comprovações da sua transmissão sexual foi a elaboração da rede social de relações, do "caso zero" e seus parceiros homossexuais com sintomas da Síndrome, pelo sociólogo de uma equipe do serviço epidemiológico norte-americano (Center of Disease Control).

4-FAMÍLIAS COM PAPÉIS CONJUGAIS CONJUNTOS E REDE SOCIAL DE PARENTESCO ESTREITA

Os condicionantes de uma relação conjugal de papéis conjuntos estão no compartilhamento mútuo e irrestrito de tarefas de cuidado do lar, manutenção econômica do núcleo familiar, educação e saúde dos filhos, lazer compartilhado e tomada de decisões efetuadas mediante trocas de pontos de vista entre os cônjuges.

Segundo BOTT (1976:83), uma relação de papéis conjugais conjuntos delimita uma rede social total frouxa, sendo composta pela dimensão das relações, territorial e industrial. O que em outras palavras, significa uma união com a participação integral de ambos os membros nas tarefas, gerando relacionamentos pouco acentuados fora da vida do casal, ou ainda compartilhados igualmente pelos cônjuges.

A relação diretamente proporcional entre os papéis conjugais e o tipo de rede social elaborada pela autora diferencia-se da nossa em duas circunstâncias. Por um lado, sua elaboração foi de redes sociais totais que contemplam as três dimensões de composição das redes; por outro lado, foi elaborada em condições normais durante a vida de qualquer casal. Assim, ainda que a qualidade dos laços dos membros da rede social -entre indivíduos de mesma faixa etária e nível sócio-econômico e cultural aglutinados a indivíduos de mesmos níveis e faixas etárias de seus pais -, seja semelhante à apresentada por BOTT (1976), diferenciam por restringirem-se apenas às relações de parentesco e em um complexo momento de crise dos valores e papéis sociais.

Três, entre os sete entrevistados, o caso "a" e "b/c", constituíram os casos de papéis conjugais conjuntos e rede social de parentesco estreita, ainda que as

características de cada caso guardem semelhanças apenas por se tratar de indivíduos com sorologia positiva para o HIV.

Na descrição do caso "a", os fatores que nos levaram à conclusão de que os cônjuges mantinham um papel conjugal conjunto foram: o primeiro, relacionado à manutenção econômica do lar. Nesse caso, o casamento aconteceu quando ambos os cônjuges tinham suas questões financeiras minimamente resolvidas, pois ele ocupava um cargo como economista, de acordo com a sua formação, e ela possuía uma clientela fixa em seu escritório de advocacia. Assim, o montante das rendas era igualmente convertida para a manutenção do lar, na forma de uma boa alimentação, aquisição de aparelhos eletro-eletrônicos modernos e atendimento total das necessidades da filha.

O segundo fator foi o do cuidado com a educação e saúde da filha, a começar pela opção de deixá-la aos cuidados da avó materna -como veremos o parente conector desta rede social-, até as ocasiões em que a filha necessitava de cuidados médicos, fato de que ambos partilhavam a preocupação, comprometendo-se em marcar e levar a criança às consultas, comprar remédios e acompanhá-la durante o tratamento.

Quanto aos cuidados e manutenção do lar, também fica demarcada a participação irrestrita de ambos, pois geralmente era ele o responsável pela produção das refeições noturnas, enquanto as compras de víveres eram partilhadas e as contas de condomínio do apartamento, impostos e encargos sociais eram pagas por aquele que estivesse mais disponível no dia de vencimento.

Os últimos dois fatores são relacionados ao lazer e à tomada de decisões. Ambos gostavam das mesmas formas de diversão dos bares noturnos, casas de dança e convívio com familiares, porém estavam extremamente centrados na vida do casal; assim, mesmo em lugares coletivos, não expandiam suas relações a estranhos. Embora não esteja explícito, desde o lugar a ser freqüentado até o melhor momento para a concepção da filha marcam a relação da tomada de decisões entre este casal.

Em relação à rede social, temos uma forma inversa à apontada pelos estudos de Bott (1976), acima citados, pois esta modelou-se com um formato de rede estreita. Neste caso, temos o fator econômico funcionando como aglutinador, pois a esposa possuía uma sociedade empresarial junto a um irmão, também advogado, e isto significa que os fatores sociais e culturais também estavam em troca na rede social. Porém, o traço fundamental desta rede é o seu parente conector, o qual desempenha o papel de detonador de qualquer medida em relação a qualquer um dos membros da rede social ao seu redor.

Tanto o caso "a", quanto o "b/c" possuem suas redes circunscritas em torno do parente conector; todavia a atuação de ambos deu-se de maneira inversamente proporcional, na medida em que no caso "a" a mãe da esposa empenhou todos os seus esforços para eliminar o portador de sua rede, mesmo expondo a filha e a neta

5 - FAMÍLIAS COM PAPÉIS CONJUGAIS SEGREGADOS E REDE SOCIAL DE PARENTESCO FROUXA.

Geralmente, casais que se organizam sob uma forte divisão sexual do trabalho, quase nunca dividem momentos de lazer, nem as tarefas de manutenção do lar e nem a educação dos próprios filhos. Nessa estrutura, cabe ao homem, fundamentalmente, a manutenção econômica da família, permitindo-lhe um envolvimento mínimo com as questões cotidianas da limpeza, pequenos reparos do lar e com a saúde e educação dos filhos; porém, à mulher do casal, cabe receber a quantia dada pelo marido e distribuí-la para a alimentação, vestuário, saúde etc. Nessa medida, existe a rede dos homens, formada por companheiros de bares, jogos de carta e bilhar, os quais as mulheres nem conhecem; e a rede das mulheres, geralmente formada por outras mulheres familiares, onde ocorrem frequentes ajudas e trocas de bens e serviços.

Nos casos apresentados abaixo, veremos que há uma proporção inversa entre a relação conjugal segregada e a formação da rede social, pois a distância entre os cônjuges deveria estar propiciando fortes laços extra-conjugais. No entanto, o momento de crise continuada pela presença do HIV, propiciou formações frouxas nas trocas de bens e informações da rede social de parentesco.

Neste grupo, encontram-se os quatro entrevistados restantes, de forma que constituem os casos "d", "e/f" e "g". Entre as mulheres, três dos quatro membros, existe um padrão em relação ao cuidado com o lar e com a família, pois todas tinham por obrigações diárias a produção de refeições e conseqüente limpeza dos utensílios, conservação e pequenos consertos da casa, cuidado com a saúde e alimentação e educação diária dos filhos. Todas estas obrigações acabam significando a dupla jornada de trabalho feminino, pois, por uma questão de necessidade acabam prestando algum tipo de serviço fora de casa. Outra característica comum entre as mulheres, são as pequenas trocas de serviços na rede. Geralmente referem-se ao cuidado das crianças, enquanto as outras fazem a limpeza da casa, ou compras de víveres, assim como pequenas incursões como levar à escola, ou ao centro de saúde, etc.

Entre os três casos, existem estruturas de vida diferenciadas. Primeiramente porque se trata de um casal e de dois casos que passaram por separação conjugal. Entre os dois últimos casos existe o fato de terem passado por dois relacionamentos matrimoniais, resultando em mais de um filho por casamento. Como será possível evidenciar, tentamos elaborar as diferentes redes sociais familiares que essas pessoas constituíram, de forma que o caso "d" possui três gráficos que lhe demarcam os casamentos e a fase atual. Nesse caso, existem características próprias em relação aos papéis conjugais, diferenciados para cada relação, e na formação da rede social familiar, pois a estrutura de sua rede apenas constituiu-se em torno de sua família de referência recentemente, quando sua mãe assume o

papel de parente conector, com a intenção de viabilizar as ações em torno do portador do vírus.

No caso "g", existe um fator que deve ser notado no gráfico, o qual é de extrema importância na medida em que muitos portadores optam por desenvolver as ações semelhantes. Como é possível verificar, sua rede social familiar não passou por qualquer modificação, tanto no primeiro como no segundo matrimônios, porém essa invariabilidade acontece mediante o isolamento do portador de sua rede. Nesse caso, o portador deixou sua rede e parte da família (duas filhas) na cidade de São Paulo e apenas em datas muito especiais visitava seus pares. Durante essas visitas, quando era questionada em relação ao seu emagrecimento súbito, afirmava tratar-se de um problema no aparelho digestivo e que vinha mantendo-se em tratamento.

Desses quatro casos existem algumas questões relevantes e comuns na medida em que polarizaram-se em opções distintas, devido ao fato de se depararem com a insegurança em relação à possibilidade de retomar e receberem ajuda da rede, ou que os excluía em algum momento, ou que jamais existira enquanto núcleo viabilizador de trocas de bens e serviços. A polaridade é dada pelas escolhas desenvolvidas em cada caso. Frente a tal dimensão o caso "g" preferiu ocultar sua Síndrome e manter intactos os laços da rede, pensando em preservá-los para que cuidassem, *à posteriori*, de suas filhas. Já o caso "d", age de forma inversa e tenta reelaborar os laços de uma rede social de parentesco, com o apoio de sua mãe, com o fim de conseguir apoio emocional, financeiro e de serviços para o seu tratamento. Também, para o caso "d", existiu a preocupação de reaproximar-se da família de origem, para que seus filhos fossem amparados tanto durante o tratamento, quanto no futuro desconhecido de seu falecimento. Porém, é o caso "e/f" que sofre os maiores problemas com seus pares na rede, pois logo que se casaram, romperam os laços com os parentes e partiram em busca de constituírem seu próprio núcleo familiar. Com o passar dos anos as filhas cresceram e passaram a frequentar a mesma escola que suas primas, fazendo com que, pouco a pouco, fossem sendo retomados os laços da rede de parentesco. Contudo, no momento em que detectaram o porte do HIV, tiveram recrudescidas as relações de evitamento na rede, gerando assim um abandono quase completo pelos seus pares. Não há indícios de que a rede de parentesco vá responsabilizar-se pelas filhas, porém o casal vem tentando cultivar os pequenos laços restantes, como mostra o gráfico, pois preocupa-lhes a longevidade indefinida.

Certamente, o fato de estar portando o HIV funciona como um "corte lento e profundo" nas concepções existenciais da subjetividade de cada indivíduo, de forma que o estritamente materialista reconhece-se também espiritualista, o solitário mostra-se solidário; o tímido, em esplendor de expansão e o alegre, profundamente triste e deprimido... De forma que as questões mínimas passam a povoar objetivamente a vida, e as preocupações com os que lhes cercam ampliam-se.

permita, essas considerações não deverão tomar dimensões generalizantes, devido à sua reduzida amostragem e pelas inúmeras concepções do processo de saúde e doença, mediadas pelas crenças e influências dos diferentes aspectos que compõem a vida individual de cada pessoa.

Nessa medida, o aspecto individual é central nessa produção. Primeiro porque é nele que atuam os vários papéis sociais que as sociedades complexas dispõem para cada pessoa; segundo, porque, frente à impossibilidade de tratar individualmente com as macroestruturas sociais, cada ser desenvolve em si as dimensões dos seus níveis de trocas de bens materiais e serviços. Este segundo fator é, também, uma justificativa para a possibilidade de se desenvolverem redes sociais de parentesco, as quais constituem nada além de uma microestrutura que comporta a macroestrutura das redes sociais de parentesco, vizinhança e amizade.

Dessa forma, a argumentação acima conduz-nos à primeira conclusão, a qual quer demonstrar que o desenvolvimento de análises com a metodologia elaborada por BOTT (1976), pode tomar uma outra forma, na medida em que reduz os padrões de análise para níveis ainda menores, em relação aos que compõem a rede social total; em outras palavras, BARNES (1969) demonstra que a noção de rede social é sistêmica, logo constituída por partes, as quais podem ser analisadas individualmente e reduzidas, ainda mais, aos níveis de compreensão de uma rede social de parentesco. Uma vez feita esta microanálise, foi possível constatar-se que papéis conjugais conjuntos podem compor redes sociais estreitas e papéis conjugais segregados compor modelos de redes sociais frouxas, premissa que nos permita afirmar que o modelo de BOTT (1976) explica parcialmente as análises feitas nas subpartes de uma das dimensões que compõem as redes sociais de relações.

Gostaria de apresentar as considerações que compõem o segundo nível de conclusão, a partir de um fragmento retirado de um texto de LEVI-STRAUSS (1970:193-194) escrito em 1949 e que mantém-se completamente atual em relação à AIDS e ao portador do HIV;

“(...) percebe-se mais claramente sobre quais mecanismos psico-fisiológicos estão fundados os casos, atestados em inúmeras regiões do mundo, de morte por conjuro ou enfeitiçamento: um indivíduo, consciente de ser objeto de malefício, é intimamente persuadido, pelas mais solenes tradições de seu grupo, de que está condenado; parentes e amigos partilham esta certeza. Desde então, a comunidade se retrai: afasta-se do maldito, conduz-se a seu respeito como se fosse, não apenas já morto, mas fonte de perigo para o seu círculo; em cada ocasião e por todas as suas condutas, o corpo social sugere a morte à infeliz vítima, que não pretende mais escapar àquilo que ela considera como seu destino inelutável. Logo, aliás, celebram-se por ela os ritos sagrados que a conduzirão ao reino das sombras.

Incontinenti, brutalmente privado de todos os seus elos familiares e sociais, excluído de todas as funções e atividades pelas quais o indivíduo toma consciência de si mesmo, depois encontrando essas forças tão imperiosas novamente conjuradas, mas somente para bani-lo do mundo dos vivos, o enfeitiçado cede à ação combinada por intenso terror que experimenta, da retirada súbita e total dos múltiplos sistemas de referência fornecidos pela convivência do grupo, enfim, à sua inversão decisiva que, de vivo, sujeito de direitos e de obrigações, o proclama morto, objeto de temores, de ritos e proibições. A integridade física não resiste à dissolução da personalidade social.”

Sem dúvida, essas palavras acima encontrariam identidade perfeita com a realidade do portador do HIV em relação à sua rede social de parentesco e o restante da sociedade, não fosse a atuação das Organizações Não Governamentais. Apresento abaixo as considerações que compõem esta conclusão;

- As Organizações Governamentais não apresentam possibilidades de uma nova rede social, ao passo que as Organizações Não Governamentais oferecem esta possibilidade.

- Em momentos de crise, em que valores são postos em xeque, quase sempre busca-se ajuda externa às redes sociais de parentesco, pois seus membros também se encontram abalados; estas considerações integram-se de forma complementar e explicativa, pois, nos momentos de crise em que é necessário apoio externo, são as ONGs que desenvolvem este suporte de atenção. Às vezes, as ONGs organizam, até mesmo, atendimento técnico e medicamentoso para os portadores que atende, porém sempre fundamentada em uma prática afetiva e paternalista.

- As redes sociais de parentesco, quando informadas do HIV, em um de seus membros, não respondem indiferentemente; quer aglutinando-se para prestar atendimento, quer aglutinando-se para expulsar o membro portador. De alguma maneira os pares da rede reagem ao HIV, criando um ambiente, no qual o membro doente terá que prestar explicações aos seus pares.

- As redes de parentesco de conformação estreita não prestam obrigatoriamente maior apoio ao seu membro portador. Pela proposta desenvolvida por BOTT (1976), em uma rede estreita com laços sociais muito efetivos, era de se esperar que a ajuda também tivesse essa dimensão efetiva e eficaz, porém nossas evidências foram contrárias a esta expectativa.

- A ruptura com a rede significa a perda das relações econômicas, sociais e culturais. Mas o rearranjo pode significar aumento apenas das relações econômicas; MAUSS (1928) ao desenvolver as bases das trocas e da dádiva, evidencia o dever que os membros partilham de receber, dar e retribuir os presentes, sendo esta uma das condições de existência das redes sociais. Nos casos analisados, ao que parece, é quebrada esta estrutura, na medida em que alguns antigos pares garantem todo o

atendimento econômico ao portador, porém desejam que não lhe seja retribuído de forma alguma tal ajuda.

Os papéis conjugais alteram-se de forma diferenciada para ambos os cônjuges, ou apenas um deles, quando portam o HIV; ou seja, é possível encontrarmos casais unidos e enfrentando o problema, porém é raro evidenciar que o membro não portador permaneça com o companheiro(a) e este lhe garanta atenção.

Há, em caso de separação do casal, quando se procede à divisão e desmanche do lar, a possibilidade de uma mobilidade física do portador, ou de sua família; esta questão está muito relacionada com o início da epidemia no planeta, quando suas formas de transmissão eram hipotéticas e quando se pensava na Síndrome como fator de ameaça a determinados grupos sociais.

Em casos de pessoas despossuídas, que dependem de seu trabalho para sobreviverem junto com sua família, ocorre mobilidade social do portador quando este passa a receber os benefícios da Previdência Social, referentes à sua aposentadoria; ainda quando os ganhos previdenciários são próximos aos valores dos pagamentos que recebia, torna-se inviável a sobrevivência pelos altos custos do tratamento.

Há aproximação com grupos, religiosos e não governamentais, após a tomada de conhecimento do porte do vírus; em alguns casos, os grupos religiosos são também não governamentais e a aproximação ocorre devido ao fato, já comentado, de que estes grupos estão preparados para prestar

uma forma de atenção que se assemelhe aos contactos da rede social de relações.

A conformação de rede social de parentesco estreita comporta um parente conector; o qual tem a característica de um catalisador dentro do grupo e desenvolve suas ações assentado nos padrões de respeito e tradição. Todavia, suas ações podem representar a mobilização para manter a sobrevivência do portador, ou simplesmente, para retrair o grupo e afastar-se do maldito, já considerado morto, conforme as palavras de LEVI-STRAUSS (1970).

O fator cultural traduzido na forma de grau de escolaridade não funciona como facilitador do convívio com o vírus; embora permita decodificar o discurso científico aplicado nos diagnósticos e tratamentos, não assume uma postura definitiva frente ao fato de conviver com o vírus, pois, para reconhecer os processos da vida é preciso que haja uma aliança entre o conhecimento e a sabedoria: é necessário o reconhecimento da objetividade do primeiro, mas também os símbolos naturais do segundo, para sobreviver com a mágica do mistério e a lógica da mágica que resulta no mistério.

Frente ao HIV, poucas famílias assumem toda a responsabilidade da tríade saúde/doença/atenção; principalmente entre os nossos entrevistados, pois estes constituíam famílias nucleares na fase de expansão, momento em que os filhos dependem integralmente dos pais, sendo a solução desenhada na direção da busca de ajuda nas redes sociais de parentesco, ou em organizações que prestem atenção ao portador do HIV.

BARROS, Nelson Felice de. The rearrangement of HIV's bearers relativeness network. *Semina: Ci. Biol./Saúde*, Londrina, v. 16, n. 2, p. 283-291, Jun. 1995.

ABSTRACT: *A case study admits generalizations that extend conclusions obtained with a little sample, for the case universe. It is certainly possible, from the analysis with HIV's bearers of Campinas, to recognize in general the way the relativeness network rearrangement itself. However it is necessary to recognize the specificities of metodological way about the nuclear family, the expansion stage in familiar cycle, as well as the possibility of reducing the system view of the social network for a sub-part analysis, that constitutes the social network of relativeness. The observatiom permitted recognize in any kind of network the different levels of answers and the options elaborated by HIV's bearers to keep the bonds that also represents the bargain support of consomer's goods and services of theirs relativeness network.*

KEY-WORDS: *AIDS, Nuclear Family, Familiar cycle, Social network, Relativeness network.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARNES, J. A. "Network and Political Process": in: *Social Network in Urban Situations*. (ed.) J. Clyde Mitchell, Manchester, Manchester University Press, 1969, p. 51-71.
- BILAC, E.D. *Famílias de trabalhadores: estratégias de sobrevivência*. São Paulo: Símbolo, 1978.
- BOTT, E. *Família e Rede Social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- EVANS-PRITCHARD, E.E. *Witchcraft, oracles and magic among the Azande*. Oxford: Clarendon Press, 1937
- FAUSTO NETO, A.Q. *Famílias Operárias e Reprodução da Força de Trabalho*. Rio de Janeiro: Vozes, 1982
- LEVI-STRAUSS, C. "O Feiticeiro e sua Magia"; in: *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970, p. 193-214.
- WEBER, M. *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. (Org.) G. COHN, São Paulo: Ática, 1989.